

reportagem cultural



LEO SALVADOR/DIVULGAÇÃO/JC

Indira Castro foi atração do *Festival Fronteiras*, na Praça da Matriz, com *Tributo a Nina Simone*

Próximo destino: palcos gaúchos

Carol Zatt*

Indira Estevez Castro nasceu em 9 de maio de 1989 em Holguín, Cuba. O nome escolhido por sua mãe, Grisell, homenageia Indira Gandhi (única mulher a ocupar o cargo de Primeira-Ministra da Índia, com forte liderança política no século XX). A tradição de homenagens femininas seguiu mais uma geração, com a cantora dando a sua filha Sarah o segundo nome de Grisell, assim como sua avó materna. A dor da perda de sua mãe, aos 20 anos, é muito marcante na sua trajetória, inclusive a fez largar a faculdade de Medicina. Para ela, foi um processo delicado aprender a curar a ferida e cantar sem reviver as lembranças. No entanto, apesar de ter tido sempre a música próxima em sua vida, o seu sonho de infância era ser dançarina, fazer balé clássico, o que não foi possível por ser uma criança gordinha até os sete anos. “Depois, fui muito magra. Em Cuba, tem que ter o físico, no início, eles não me aceitaram nem na ginástica.”

Cantar e compor eram um destino traçado. Antes de chegar em Porto Alegre, em junho de 2023, Indira ainda tinha passado um ano com os dois primeiros filhos pequenos no Suriname, onde morava o irmão. Lá conheceu seu atual marido, com quem teve o último bebê já na capital gaúcha, para onde veio por ter uma amiga médica da época da graduação, mas ainda não se habituou ao frio.

Em 2024, lançou por aqui o EP *Eso que nunca pasará*. “É principalmente sobre isso, mulheres

que, às vezes, acham que têm tudo em um relacionamento, mas, quando ele acaba, descobrem que têm muitas virtudes e mais personalidade que não conseguiam expressar.”

Versátil para interpretar em espanhol, inglês e português, e passeando entre diversos gêneros musicais com propriedade, Indira tem uma nova faceta a apresentar no próximo mês em palcos dos teatros do Sesc no Interior do Estado. Ela foi convidada por Paulo Inchauspe para integrar o projeto *Rock Gaúcho na Voz Delas*, de 12 a 25 de julho, junto com as cantoras Ju Sanpe e Camila Orsatto.

“Essa ideia nasceu quando chegamos ao 26º feminicídio no Estado. Tava trabalhando na Rádio América BR e vi essa notícia, e me dei conta que o rock gaúcho tem poucas mulheres expoentes e não havia um tributo em que só elas cantem os clássicos. Aliás, as três pessoas que convidei não têm nada a ver com o rock, o que é o mais legal de tudo. Ouvi a Indira cantar e pensei: Cara, essa guria é fora da curva. Apresentei a ideia para ela e ela comprou”, narra Inchauspe.

O diretor do espetáculo admite que ainda não a viu interpretando rock gaúcho, mas que soube que ela foi cogitada para ser backing vocal do TNT uma época: “Já vi ela cantando rock, e ela ‘tem manha’, sim. Vai ser super divertido de fazer, porque são três mulheres com estilos completamente diferentes e cantando clássicos da produção musical gaúcha. São 12 músicas, quatro para cada uma e, no final, as três cantam três músicas juntas”.

A voz familiar é ancestral

São novos sons vindos de Caribe e África: Haiti, Cuba, Suriname, Venezuela, Costa do Marfim, Nigéria, Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau. Outras dessas “vozes de liberdade” descritas por Glênio Bohrer que despontam na cena musical gaúcha contemporânea são o produtor, pesquisador, palestrante e Mestre de Saberes nigeriano Idòwú Akínrúli e o rapper angolano Kizua Trindade, cujo fruto da parceria iniciada em 2022, o álbum e videoclipe *Lá no Bairro*, foi apresentado ao público gaúcho no início de maio no Espaço 373.

Idòwú (do *Tributo a Fela Kuti* e *Festa Savannah - The True African Xperience*) já soma uma extensa contribuição audiovisual sobre a cultura ancestral. Ele participa há muitos anos da Semana da África na Ufrgs em maio, estava no início de junho envolvido com celebração do Ano Novo Yorubá 10.068 e trabalha ainda na produção do documentário *Outset*, em que uma das trajetórias migrantes apresentadas é justamente a do jovem Kizua. “Esse título faz referência à raiz, para trazer a história profunda da pessoa.” O

nigeriano é da tradição do Ifá, de matriz africana, enquanto o angolano é cristão. O primeiro chegou ao Brasil em 2010, por Belo Horizonte, passou por São Paulo e, dois anos depois, se estabeleceu no Sul. Kizua também chegou em Porto Alegre em 2012, ainda adolescente, vindo junto com a família, pois seu pai ganhou uma bolsa de estudos para o mestrado em Tecnologia da Informação na Ufrgs.

Vivendo no Brasil há mais de 13 anos, o jovem teve que lidar com as diferenças culturais, a distância do seu país e com a dura

realidade do racismo e da xenofobia. Episódios dessa natureza também foram vividos por Idòwú na Capital. Nas suas rimas e *beats*, o angolano consegue expressar e trabalhar essas situações, trazendo ao mundo letras com histórias, sentimentos e reflexões, contando sempre com a influência do produtor, desde a sonoridade até o figurino das apresentações. “Ouvindo sua voz, que soava familiar, fui me encontrando, encontrando irmãos”, destaca o rapper. O músico nigeriano explica que a “familiaridade”, na verdade, é a ancestrali-

dade, e orientou o jovem a buscar se reconectar com a sua história em suas letras. “Quanto mais sei quem sou, mais vejo as coisas que posso. E eu, fora do meu território, fui fazer essa ligação. Por isso, a importância de eventos como a *Semana da África*”, relata Kizua.

Idòwú escreveu uma faixa sobre Banzo, “meus ancestrais, me levem pro lar”, que faz parte da trilha do longa *Sete Prisioneiros*, da Netflix. O trabalho do angolano já chamou atenção de artistas como Negra Jaque, Paulo Dioniso, Cachola e Dj Abu, entre outros.